



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*VINCULAÇÃO E EXPLORAÇÃO EM JOVENS
ADULTOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM
ALUNOS DO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO
SUPERIOR PORTUGUÊS*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

Ana Alexandra Bandeira Leitão da Fonseca

Porto, janeiro de 2015



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*VINCULAÇÃO E EXPLORAÇÃO EM JOVENS
ADULTOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM
ALUNOS DO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO
SUPERIOR PORTUGUÊS*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

Ana Alexandra Bandeira Leitão da Fonseca

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professor Doutor Pedro Dias

Porto, janeiro de 2015

Aos meus PAIS!

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor Pedro Dias, agradeço a sabedoria e rigor científico que sustentou a sua orientação, assim como a segurança necessária que me proporcionou para que tenha sido capaz de explorar e construir. Pela sua disponibilidade, confiança, motivação e ensinamentos constantes ao longo de todo este processo. A sua generosidade e palavras de incentivo tornaram possível a concretização deste projeto. Foi um privilégio ter sido sua orientanda.

À Professora Doutora Mariana Barbosa, agradeço a sua disponibilidade e ajuda fundamental na recolha de participantes para o estudo. A sua preciosa contribuição fez-me acreditar que era possível a concretização de projetos face a adversidades.

À Professora Doutora Vânia Sousa Lima, quero agradecer a generosa disponibilidade durante o processo de recolha de dados e por ao longo de todo o percurso académico ter contribuído de forma ímpar e incessante para a minha aprendizagem e desenvolvimento académico.

À Professora Doutora Ana Gomes e Célia Manaia e ao Professor Doutor António Augusto Azevedo, pela simpatia e disponibilidade com que me receberam nas suas aulas e pela preciosa ajuda na recolha de participantes para o estudo.

Aos colegas do 1º ano do Mestrado em Psicologia agradeço a preciosa ajuda no processo de recolha de dados.

A todos os estudantes que se disponibilizaram para participar no estudo. Sem a vossa colaboração este trabalho não seria possível.

À Professora Doutora Ana Martins, agradeço a disponibilidade que sempre me conseguiu oferecer, o incentivo permanente e, sobretudo, porque ao longo destes anos me fez voltar a acreditar de que sou capaz. Pela sua enorme capacidade de acreditar em mim, pelos momentos de partilha e suporte durante os períodos mais adversos.

À Telma Azevedo e à Inês Lobo, pela vossa generosa ajuda no processo de tradução. A vossa imprescindível colaboração foi fundamental para que este trabalho tenha chegado a bom porto!

Aos meus Pais, por terem tornado este projeto possível, pelo amor, aceitação e apoio incondicional. Por terem permitido a concretização de um sonho e pelo tanto que abdicaram todos estes anos. Estou-vos eternamente agradecida!

À minha querida irmã Magui, pelo apoio e exemplo que tem sido para mim, pelo incentivo permanente e por tudo que temos vindo a partilhar.

Ao meu Avô, pela confiança e apoio infinito. Por ter sempre acreditado no sonho e pelo tanto que ajudou para que se tornasse real.

Ao meu namorado Tiago, minha base segura e porto de abrigo. Por seres o meu maior e melhor amigo e tornares esta caminhada mais fácil. Por tudo o que representas na minha vida e por todos os projetos que adiámos.

À Catarina Chaves, por ser a referência do que um dia almejo vir a ser enquanto psicóloga. Por me ter lembrado, constantemente, que os sonhos podem tornar-se realidade.

Às minhas amigas, colegas e “companheiras de luta”, Ana Lúcia, Joana Sousa, Márcia Cunha e Márcia Vasconcelos, pela partilha a par e passo, tornando-o possível e muito mais divertido.

A todos os meus amigos que souberam compreender a ausência e que continuam sempre por perto.

RESUMO

Apesar dos sistemas comportamentais de vinculação e exploração funcionarem em estreita ligação, o comportamento exploratório em adultos tem merecido menor atenção.

O presente artigo procura examinar a relação entre estilos de vinculação e exploração (intelectual, ambiental, social) numa amostra de 281 estudantes universitários portugueses. Para a avaliação da vinculação foi utilizada a Escala de Vinculação do Adulto (Canavarro, 1998; Canavarro, Dias, & Lima, 2006); a exploração foi avaliada através do Índice de Exploração, versão portuguesa do *Exploration Index* (Green, & Campbell, 2000). De um modo geral, os resultados demonstraram que participantes seguros apresentam maior propensão para a exploração quando comparados com participantes inseguros e participantes desligados apresentam valores inferiores na dimensão social da exploração em relação aos restantes participantes. Verificou-se ainda a ausência de diferenças significativas entre estudantes que participam em atividades extracurriculares e estudantes que não participam nestas atividades ao nível da exploração. Relativamente aos participantes pertencentes a grupos associativos verificou-se que estes apresentam valores mais elevados ao nível da exploração em comparação com participantes que relatam não fazer parte de grupos associativos. De salientar que as correlações entre as duas medidas de avaliação apontam para a complementaridade entre sistema de vinculação e exploração, tal como descrito por Bowlby (1969).

Palavras-chave: Estilos de Vinculação; Vinculação do Adulto; Exploração do Adulto; Escala de Vinculação do Adulto; Índice de Exploração

ABSTRACT

Despite the behavior systems of attachment and exploration work in close connection, exploratory behavior in adults has received less attention.

The present study aims to examine the relation between attachment styles and facets of exploration (e.g., intellectual, environmental, social) in a sample of 281 Portuguese college students. Adult attachment styles were assessed using the Portuguese version of the Adult Attachment Scale (Canavarro, 1998; Canavarro, Dias, & Lima, 2006). Intellectual, environmental and social exploration were assessed using the Portuguese version of Exploration Index (Green, & Campbell, 2000). Consistent with hypotheses, we found that secure individuals are more likely to explore when compared with insecure individuals and dismissing-avoidant individuals were lower in social exploration than secure, preoccupied and fearful-avoidant individuals. We haven't found significant differences between individuals who were and who were not involved in extracurricular activities regarding exploration. In addition, we have found that individuals who reported being part of a group expressed greater interest in exploration when compared with individuals who reported not being part of a group. Our findings demonstrated empirically a link between the two assessment measures and point to the complementarity between attachment and exploration systems, as described by Bowlby (1969).

Keywords: Attachment Styles; Adult Attachment; Adult Exploration; Adult Attachment Scale; Exploration Index

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
Teoria da Vinculação: quadro conceptual e empírico	11
Vinculação e Exploração: da Infância à Idade Adulta	11
MÉTODO	15
Participantes	15
Instrumentos	17
Ficha Sociodemográfica	18
Escala de Vinculação do Adulto (EVA) (Canavarro, 1998; Canavarro, Dias & Lima, 2006).....	18
<i>Exploration Index</i> (Green & Campbell, 2000)	19
Procedimentos	19
Processo de tradução-retroversão	19
Análise Psicométrica	20
Recolha de Dados.....	20
Tratamento de Dados.....	21
RESULTADOS	21
Estilos de Vinculação	22
Análise Psicométrica do Índice de Exploração	22
Testes de Hipóteses	24
Correlação entre as medidas de avaliação da Vinculação e Exploração	29
Diferenças entre grupos (Seguros e Inseguros) face à exploração e respetivas dimensões (Intelectual, Ambiental e Social).....	32
DISCUSSÃO	33
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1

Caracterização Sociodemográfica da amostra 16

Quadro 2

Distribuição dos participantes por protótipos de vinculação 22

Quadro 3

Estatísticas de item-total das dimensões 23

Quadro 4

Estatísticas de item-total da escala..... 24

Quadro 5

Diferenças ao nível da Exploração em função do estilo de vinculação 25

Quadro 6

Teste Post-Hoc de Gabriel 26

Quadro 7

Diferenças entre alunos que participam em atividades extracurriculares e alunos que não participam em atividades extracurriculares ao nível da Exploração e respetivas dimensões 28

Quadro 8

Diferenças entre alunos que pertencem a organizações e alunos que não pertencem a organizações ao nível da Exploração e respetivas dimensões 29

Quadro 9

Matriz de correlação de Pearson entre dimensões do Índice de Exploração e Escala de Vinculação do Adulto 31

Quadro 10

Diferenças entre participantes (Seguros e Inseguros) ao nível da Exploração e respetivas dimensões..... 32

INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se numa linha de investigação sobre a vinculação e exploração em jovens adultos e tem como objetivo examinar de que forma os padrões de vinculação (seguro, desligado, preocupado e amedrontado) se relacionam com as facetas de exploração (sociais, intelectuais e ambientais) nesta população, através da recolha de dados junto de uma amostra de estudantes universitários.

A pertinência deste estudo prende-se com a pouca atenção que tem sido dada à relação entre estilo de vinculação e comportamento exploratório em adultos (Green & Campbell, 2000).

Assim, as investigações que têm sido realizadas neste domínio, relativas à vinculação e exploração em adultos, têm origem no trabalho pioneiro de Hazan e Shaver (1990), onde o conceito de exploração na idade adulta foi operacionalizado como trabalho e, mais recentemente, como atividades de lazer (Carnelley & Ruscher, 2000), atividades sociais e ambientais (Green & Campbell, 2000) e também como motivação para a realização (Elliot & Reis, 2003). Outros estudos que têm sido levados a cabo no âmbito desta temática têm vindo a demonstrar a influência que a organização da vinculação pode ter no percurso desenvolvimental do indivíduo e a sua relação com o sistema de exploração (Aspelmeier & Kerns, 2003). Da mesma forma, Coy, Green e Davis (2012) realizaram um estudo onde pretenderam perceber se a presença da figura de vinculação desempenhava um papel moderador importante aquando a realização de uma determinada tarefa que envolvia a exploração. De salientar também a investigação conduzida por Fonseca, Soares e Martins (2006) no respeitante aos estilos de vinculação, orientação para o trabalho e relações profissionais e o estudo de Veiga-Correia (2012), referente à relação entre o sistema de vinculação e sistema de exploração, em pacientes com Perturbações do Comportamento Alimentar.

Após revisão da literatura, salienta-se a existência de poucas medidas para avaliação da exploração, validadas para a população portuguesa. É, com base nesta fundamentação, que se torna premente colmatar essa lacuna, sendo que a presente investigação aporta contributos metodológicos significativos para a compreensão desta temática, promovendo a reflexão e a compreensão acerca da relação entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração durante a idade adulta.

Teoria da Vinculação: quadro conceptual e empírico

A teoria da vinculação encontra-se associada aos trabalhos pioneiros de Bowlby e Ainsworth (1991) e tem-se constituído como uma base segura a partir da qual se podem explorar as dinâmicas desenvolvimentais específicas numa perspetiva de ciclo de vida, com recurso a uma abordagem multimetodológica (Soares, 2007). Desta forma, os contributos desta teoria e da investigação assumem-se como relevantes para que a teoria da vinculação se apresente como um quadro conceptual abrangente e imprescindível para o estudo da vinculação em jovens adultos.

Baseando-se nos princípios etológicos e evolucionistas, na psicologia do desenvolvimento e também na psicanálise, Bowlby (1969; 1988) formulou os princípios básicos da teoria, sendo que os contributos destas áreas revolucionaram a forma como pensamos na relação mãe-filho/criança-cuidador e na sua separação, privação e perda. Por outro lado, a metodologia inovadora de Ainsworth não só tornou possível testar empiricamente algumas das ideias de Bowlby, como também contribuiu com o conceito de figura de vinculação (enquanto base segura a partir do qual o bebé/criança pode explorar o mundo).

Segundo Hazan e Shaver (1990), a teoria da vinculação não se limita ao sentimento do amor e encaixa-se num contexto mais alargado do funcionamento humano. Bowlby (1969) considera que vinculação e exploração são sistemas comportamentais complementares, uma vez que, para aprender e para que um indivíduo se torne competente na interação com o ambiente físico e social, torna-se necessário explorar. Ou seja, estas duas tendências são inatas e são reguladas pela interligação destes sistemas. Desta forma, pode considerar-se que o sistema de exploração pode funcionar em condições ótimas quando o sistema de vinculação é relativamente quiescente, uma vez que a figura de vinculação está suficientemente disponível e sensível. Por outras palavras, as necessidades de vinculação são primordiais e devem ser satisfeitas antes da exploração para que esta possa prosseguir normalmente (Hazan & Shaver, 1990).

Vinculação e Exploração: da Infância à Idade Adulta

Um princípio central da teoria da vinculação é que os sistemas de vinculação e de exploração estão estreitamente ligados (Bowlby, 1969). Durante a infância, a criança é naturalmente impulsionada para explorar de forma ativa o meio ambiente. No entanto, a atividade exploratória expõe a criança ao risco e ao *stress*. Quando o perigo é detetado, o sistema de vinculação é ativado, impelindo a criança na procura pela figura de vinculação para proteção. O equilíbrio atingido pela complementaridade dos dois sistemas permite à criança

aprender através da exploração do meio, no contexto de proteção de um cuidador proximal e responsivo, funcionando como uma base segura a partir da qual pode explorar (Ainsworth, 1978).

Bowlby (1973;1980) postulou que as crianças generalizam as expectativas acerca de si próprias, dos outros e do mundo, a partir das interações com os cuidadores. Estas expectativas são generalizadas em representações mentais relativas à disponibilidade e responsividade das figuras de vinculação e são designadas por modelos internos dinâmicos. Estes modelos permitiriam, inicialmente, interpretar e prever o comportamento da figura de vinculação e seriam, ao longo da vida, utilizados como guias comportamentais que constituiriam uma base para interpretação de experiências relacionais (Canavarro, Dias, & Lima, 2006), podendo presumir-se que há continuidade na relação de vinculação ao longo do tempo, mesmo na idade adulta.

Bowlby (1988) e também Ainsworth (1989) sustentaram de forma explícita que a relação entre vinculação e exploração (e, em particular, o conceito de base segura), inicialmente articulada no respeitante às crianças, era aplicável a todo o ciclo de vida, ou seja, acompanhava o indivíduo “from the cradle to the grave” (1988, p. 163).

Assim sendo, e no que concerne à investigação da vinculação em adultos, Hazan e Shaver (1987) estabeleceram um paralelo entre as relações criança-cuidador e as relações de cariz amoroso na idade adulta demonstrando a aplicabilidade direta do quadro tripartido de Ainsworth para as relações de intimidade em adultos. Mais tarde, em 1990, o trabalho pioneiro de Hazan e Shaver investigou a possibilidade de amor e trabalho na idade adulta serem funcionalmente semelhantes à vinculação e exploração na infância. Os autores testaram a possibilidade de que amor e trabalho na idade adulta possam ser funcionalmente similares à vinculação e exploração na idade adulta.

Desde então, as investigações realizadas neste domínio, relativas à vinculação e exploração em adultos, têm-se concentrado na operacionalização do conceito de exploração.

Carnelley e Ruscher (2000) conceptualizaram exploração enquanto atividades de lazer e constataram que indivíduos classificados como ansiosos se envolviam em atividades de lazer, por razões sociais e de forma a regular o afeto negativo nas suas relações interpessoais. Em contraste, indivíduos classificados como evitantes indicaram que as atividades de lazer se consideravam como mais importantes do que as relações interpessoais.

À semelhança do estudo anterior, Green e Campbell (2000) conceptualizam exploração enquanto atividades intelectuais, ambientais e sociais. Para examinarem a relação entre estilos de vinculação (ansiedade e evitamento) e propensão para a exploração (ao nível intelectual,

ambiental e social) em estudantes universitários construíram uma escala designada por *Exploration Index*. Os resultados revelaram que os participantes ansiosos e evitantes obtiveram resultados mais baixos e reduzido interesse na exploração social e ambiental quando comparados com participantes seguros.

Ainda Aspelmeier e Kerns (2003) conceptualizaram curiosidade e procura de informação enquanto exploração. Os estudos testaram a hipótese de que vinculação segura facilita a exploração na faculdade. Além disso, examinaram as diferenças entre estilos de vinculação insegura e propensão para a exploração. Foram utilizadas medidas de autorrelato para avaliar vinculação e exploração, assim como duas tarefas que avaliavam o comportamento exploratório. De uma forma geral, os resultados demonstraram que a subescala evitamento está negativamente correlacionada com a procura de novas situações e com a exploração do meio de forma ativa. Os resultados não foram significativos em relação à subescala da ansiedade.

Outros estudos que têm sido levados a cabo no âmbito desta temática têm vindo a demonstrar a influência que a organização da vinculação pode ter na motivação para a realização (Elliot & Reis, 2003). Também o estudo de Coy e colaboradores (2012) pretendeu perceber se a presença da figura de vinculação desempenhava um papel moderador importante aquando a realização de uma determinada tarefa que envolvia a exploração.

No respeitante à investigação nacional é de salientar o estudo conduzido por Fonseca e colaboradores (2006) que procura analisar as relações entre os estilos de vinculação e a qualidade das relações profissionais e com o trabalho. À semelhança do estudo conduzido por Hazan e Shaver (1990), as autoras verificaram que indivíduos classificados com estilo de vinculação seguro demonstraram uma orientação para o trabalho segura, assim como uma maior satisfação profissional e melhor adaptação ao contexto profissional. Indivíduos classificados como inseguros (ansioso/ambivalente e evitante) revelaram menor satisfação em relação ao contexto de trabalho, sendo que indivíduos classificados como evitantes relataram menor insatisfação. Os dados do estudo vão de encontro aos resultados da investigação de Hazan e Shaver (1990), ou seja, indivíduos classificados com estilo evitante dão preferência ao trabalho em detrimento das relações interpessoais, adotando uma postura no trabalho de ocupação compulsiva (Fonseca, Soares, & Martins, 2006). No que concerne aos indivíduos classificados com estilo de vinculação ansioso/ambivalente, também o medo de falhar e a preferência em trabalhar com os demais vai de encontro aos resultados encontrados por Hazan e Shaver (1990), ou seja, a principal motivação destes indivíduos para a execução de tarefas prende-se com a expectativa de receber aprovação de colegas e superiores.

De sublinhar ainda a investigação conduzida por Veiga-Correia (2012) que, através da AAI, examinou a forma como a história de exploração se encontrava organizada num grupo clínico constituído por mulheres com diagnóstico de Perturbações do Comportamento Alimentar. Os resultados do estudo indicaram diferenças na organização mental da exploração no grupo clínico: as participantes classificadas com um padrão de vinculação seguro revelaram-se mais seguras a explorar, percecionando um maior número de episódios de comportamento de exploração e promoção dos mesmos por parte das figuras parentais; as participantes classificadas como preocupadas, evidenciaram uma perspetiva mais negativa perante comportamentos de exploração, indicando um número elevado de experiências de exploração negativas em família e, em acréscimo, pais como condicionantes negativos da exploração do meio. No respeitante às participantes classificadas como desligadas os resultados indicaram menor número de comportamentos de exploração, desvalorizando propensão para a exploração (Veiga-Correia, 2012).

Após revisão da literatura, salienta-se a existência de poucas medidas para avaliação da Exploração, sendo esta uma razão que justifica a pertinência deste estudo. Assim, e na linha de investigação de Green e Campbell (2000), a presente investigação tem como objetivo principal examinar de que forma os estilos de vinculação propostos por Bartholomew (1990) se relacionam com as dimensões da exploração (intelectuais, ambientais e sociais) numa amostra de estudantes universitários. É ainda objetivo do nosso estudo construir uma versão portuguesa do *Exploration Index* (Green & Campbell, 2000) e examinar a fidelidade do instrumento.

Assim, espera-se que: indivíduos classificados com estilo de vinculação segura apresentem valores significativamente mais elevados do que os indivíduos classificados com estilos de vinculação insegura (preocupados, desligados e amedrontados) no Índice de Exploração (H1); indivíduos classificados com estilo de vinculação desligado apresentem níveis significativamente inferiores aos dos outros indivíduos relativamente à exploração social (H2); indivíduos que reportam participar em atividades extracurriculares apresentam valores superiores no índice de exploração, quando comparados com indivíduos que não participam neste tipo de atividades (H3) e, por fim, espera-se que indivíduos que reportam pertencer a organizações associativas, ou clubes desportivos apresentem valores superiores no Índice de Exploração, quando comparados com indivíduos que não o relatam (H4).

MÉTODOS

Participantes

A amostra é de conveniência, constituída por 281 estudantes do ensino superior português, a frequentar a licenciatura em 51 cursos, na zona do grande Porto. A faixa etária compreende o intervalo entre os 17 e os 50 anos ($M = 20.14$; $DP = 3.21$), sendo 71% dos participantes são do sexo feminino e 29% do sexo masculino. Relativamente ao curso, 29.5% dos participantes frequentam o curso de Psicologia, 9.6% frequentam o curso de Enfermagem e 7.5% frequentam o curso de Ciências da Nutrição. Conforme pode ser observado no Quadro 1, a maioria dos participantes (45.6%) frequenta o 1º ano da licenciatura, 30.6% frequenta o 2º ano e 20.3% frequenta o 3º ano do 1º ciclo de estudos.

Relativamente à situação de residência do estudante, 71.9% é estudante não deslocado, sendo que 63.7% reside em habitação própria; em termos ocupacionais, 96.1% é estudante e 3.9% é trabalhador estudante. A maioria dos estudantes (66.9%) não pertence a nenhuma organização, clube, equipa ou outro grupo associativo. No entanto, a maioria dos estudantes (58.7%) pratica atividades extracurriculares.

No que diz respeito à caracterização dos pais dos participantes, a faixa etária das mães compreende o intervalo entre os 35 e os 69 anos ($M = 48.91$; $DP = 5.26$) e a faixa etária dos pais situa-se entre os 35 e os 80 anos ($M = 51.19$; $DP = 5.55$). Em relação ao estatuto profissional das mães, 55.5% da amostra encontra-se empregada por conta de outrem, 22.8% encontra-se empregada por conta própria, 13.2% está desempregada e 2.5% encontra-se reformada. Relativamente à situação profissional dos pais, a maioria (54.8%) encontra-se empregado por conta de outrem, 33.1% é empregado por conta própria, 4.3% encontra-se desempregado e 4.3% reformado. Em termos das habilitações literárias dos pais dos participantes, estas situam-se entre o 1º ciclo do ensino básico e o doutoramento. A maioria dos pais concluiu o ensino secundário (32.7%), 19.2% concluiu a licenciatura e 12.5% concluiu o 3º ciclo do ensino básico. No respeitante às habilitações literárias das mães, a maioria concluiu o ensino secundário (29.5%), 24.2% concluiu a licenciatura e 11.4% concluiu o 3º ciclo do ensino básico.

Quadro 1.*Caracterização Sociodemográfica da amostra*

		Amplitude	M (DP)
Idade		17-50	20.14 (3.21)
		N	%
Género	Masculino	81 (28.8)	28.8
	Feminino	200 (71.2)	71.2
Ano	1º Ano	128 (45.6)	45.6
	2º Ano	86 (30.6)	30.6
	3º Ano	57 (20.3)	20.3
	4º Ano	9 (3.2)	3.2
Curso	Psicologia	83 (29.5)	29.5
	Enfermagem	27 (9.6)	9.6
	Ciências da Nutrição	21 (7.5)	7.5
	Teologia	16 (5.7)	5.7
	Direito	14 (5.0)	5.0
	Microbiologia	13 (4.6)	4.6
	Turismo	10 (3.6)	3.6
	Gestão	9 (3.2)	3.2
	Ciências do Meio Aquático	8 (2.8)	2.8
	Medicina Dentária	7 (2.5)	2.5
Estatuto	Estudante	270 (96.1)	96.1
	Trabalhador-estudante	11 (3.9)	3.9
Habilitações literárias do pai	1º Ciclo	21 (7.5)	7.5
	2º Ciclo	28 (10)	10
	3º Ciclo	35 (12.5)	12.5
	Ensino Secundário	92 (32.7)	32.7
	Bacharelato	12 (4.3)	4.3
	Licenciatura	54 (19.2)	19.2
	Mestrado	20 (7.2)	7.2
	Doutoramento	14 (5.0)	5.0

		N (%)	%
Habilitações literárias da mãe	1º Ciclo	21 (7.5)	7.5
	2º Ciclo	30 (10.7)	10.7
	3º Ciclo	32 (11.4)	11.4
	Ensino Secundário	83 (29.5)	29.5
	Bacharelato	12 (4.3)	4.3
	Licenciatura	68 (24.2)	24.2
	Mestrado	20 (7.1)	7.1
	Doutoramento	11 (3.9)	3.9
Estatuto profissional do pai	Desempregado	12 (4.3)	4.3
	Empregado por conta de outrem	154 (54.8)	54.8
	Empregado por conta própria	93 (33.1)	33.1
	Reformado	12 (4.3)	4.3
	Outro	1 (0.4)	.4
Estatuto profissional da mãe	Desempregada	37 (13.2)	13.2
	Empregada por conta de outrem	156 (55.5)	55.5
	Empregada por conta própria	64 (22.8)	22.8
	Reformada	7 (2.5)	2.5
	Outro	14 (5.0)	5.0
Situação do estudante	Deslocado	77 (27.4)	27.4
	Não deslocado	202 (71.9)	71.9
Pertença a organização, clube, equipa, grupo associativo	Não	188 (66.9)	66.9
	Sim	93 (33.1)	33.1
Realização de atividades extracurriculares	Não	115 (40.9)	40.9
	Sim	165 (58.7)	58.7

Instrumentos

De seguida, são apresentados os instrumentos utilizados, de acordo com a sua ordem de administração.

Ficha Sociodemográfica

Foi utilizada uma ficha sociodemográfica para permitir obter informação quanto ao género, idade, ano, curso, estatuto e situação do estudante (e.g., deslocado, não deslocado), assim como a situação relativamente a grupos de pertença (e.g., organização, clube, equipa ou outro grupo associativo) e a atividades extracurriculares. Com recurso a esta ficha foi também possível recolher informação relativa à idade, estado civil, habitações literárias, estatuto profissional (e.g., empregado por conta própria, empregado por conta de outrem, desempregado, reformado) e profissão dos pais.

Escala de Vinculação do Adulto (EVA) (Canavarro, 1998; Canavarro, Dias & Lima, 2006)

A EVA (Canavarro, 1998; Canavarro, Dias & Lima, 2006) avalia a vinculação no adulto e é constituída por dezoito itens, que abarcam diversos sentimentos suscetíveis de serem sentidos pelos sujeitos relativamente às relações afetivas que estabelecem. Os itens (respondidos segundo uma escala tipo *Likert* de 5 pontos em que 1 representa “*nada característico em mim*” e 5 “*extremamente característico em mim*”) organizam-se em três dimensões/fatores: (i) *Conforto com a Proximidade*, que avalia o modo como o indivíduo se sente confortável ao estabelecer relações próximas e íntimas; (ii) *Confiança nos Outros*, que avalia o modo como os indivíduos sentem poder depender de outros em situações em que necessitam deles; (iii) *Ansiedade*, que avalia o grau em que o indivíduo se sente preocupado com a possibilidade de ser abandonado ou rejeitado. Seis itens desta escala devem ser cotados de forma inversa por se encontrarem invertidos. Os dados psicométricos na população portuguesa para esta escala são os seguintes: (i) *Ansiedade* (*alpha de Cronbach* de .84), (ii) *Conforto com a Proximidade* (*alpha de Cronbach* de .67), e (iii) *Confiança nos Outros* (*alpha de Cronbach* de .54). Esta solução fatorial, responsável por 46.9% da variância, replica parcialmente a estrutura proposta por Canavarro (1997) aproximando-se, no entanto, de modo mais significativo da verificada no instrumento original desenvolvido em 1990, por Collins e Read (Canavarro et al., 2006).

A classificação dos indivíduos nos quatro protótipos de vinculação propostos por Bartholomew (1990) deve ser calculada a partir dos valores médios das dimensões *Ansiedade*, *Confiança nos Outros* e *Conforto com a Proximidade* - e do valor compósito das duas últimas (a partir do qual derivou a variável *Conforto/Confiança*). De seguida, procede-se à classificação dos indivíduos a partir do valor médio compósito *Conforto/Confiança* e do valor médio na variável *Ansiedade* da seguinte forma: indivíduos que apresentam valores superiores ao valor

médio da escala (3) na variável *Conforto/Confiança* e valores inferiores ao valor médio na variável *Ansiedade* são classificados como Seguros; os que apresentam valores superiores aos valores médios nas variáveis *Conforto/Confiança* e *Ansiedade* são classificados como Preocupados; os que apresentam valores inferiores a 3 nas variáveis *Conforto/Confiança* e *Ansiedade* são classificados como Desligados e, finalmente, os que apresentam valores inferiores ao valor médio na dimensão *Conforto/Confiança* e superiores ao valor médio em *Ansiedade* são classificados como Amedrontados (Canavarro et al., 2006).

***Exploration Index* (Green & Campbell, 2000)**

O *Exploration Index* (Green & Campbell, 2000) é um instrumento de autorrelato e pretende avaliar a propensão do adulto para a exploração. Este instrumento foi construído a partir de uma ampla gama de possíveis atividades exploratórias (e.g. procura de novos e complexos estímulos), em conformidade com a definição de exploração (Green & Campbell, 2000). Esta medida é constituída por dezoito itens (escala tipo *Likert* de 8 pontos em que 1 representa “*não me descreve de todo*” e 5 “*descreve-me bastante bem*”) que se organizam em três dimensões: exploração Social (e.g., “Gostaria de ter a oportunidade de conhecer estranhos”), exploração Intelectual (e.g., “Não gostaria de ir a um museu de arte moderna”) e exploração Ambiental (e.g., “Se tivesse tempo e dinheiro, este verão gostaria de viajar para fora do país”). Nove itens desta escala devem ser cotados de forma inversa por se encontrarem invertidos. Devido à inexistência da versão portuguesa do instrumento foi obtida a autorização (via *e-mail*) dos autores para a sua tradução e utilização no estudo. Assim, a versão portuguesa designa-se por Índice de Exploração (IE) (Fonseca, Dias, & Lima, 2014). No respeitante aos dados psicométricos para esta escala sabe-se que o seu *alpha de Cronbach* total é de .81. Apesar dos autores não referirem os coeficientes de consistência interna das dimensões (Intelectual, Ambiental e Social), as três subescalas do *Exploration Index* correlacionam-se significativamente (de .27 a .61, $p < 0,007$) (Green & Campbell, 2000).

Procedimentos

Processo de tradução-retroversão

O processo de tradução do *Exploration Index* (Green & Campbell, 2000) teve início com o pedido aos autores do instrumento que, prontamente, autorizaram a tradução do mesmo.

Para a tradução e adaptação procedeu-se à tradução do original inglês que obedeceu ao método de tradução-retroversão (*translate-translate back*) (Hill & Hill, 2000). O objetivo foi obter uma tradução correspondente ao texto original e que respeitasse as particularidades

características da língua portuguesa. A tradução e retroversão do instrumento foi realizada por quatro indivíduos portugueses, com formação superior em Línguas Aplicadas e em Ensino de Inglês/Alemão. A investigadora também procedeu à tradução independente do instrumento. Durante o período de tradução foi mantido contacto com os tradutores para se esclarecerem questões relacionadas com a equivalência da tradução dos itens de forma a garantir o significado da versão original (equivalência do item). Na comparação das versões foi necessário recorrer às anotações e orientações dos tradutores. Após a realização da retroversão não se observaram quaisquer incompatibilidades com a tradução. Por último, procedeu-se ao refinamento da tradução, de forma a confirmar a adaptação lexical e semântica de cada item à língua portuguesa. De acordo com Cronbach (1984), estes procedimentos são legítimos, uma vez que contribuem para a melhoria da validade e da precisão do instrumento. Da mesma forma, Almeida e Freire (2007) referem que a consulta de especialistas constitui-se como uma forma de análise qualitativa dos itens de um questionário e serve para examinar a clareza do conteúdo e a forma dos itens, assim como a compreensão e adequação aos objetivos do inventário (validade facial).

Análise Psicométrica

O estudo da fidelidade foi realizado através da determinação do coeficiente *alpha* de Cronbach. Para que um instrumento apresente uma boa consistência interna deve exceder um α de .80, apesar de valores acima de .60 serem considerados aceitáveis quando as escalas têm um número muito baixo de itens (Hill & Hill, 2000; Robinson, Shaver, & Wrightman, 1991).

Uma vez que o instrumento foi traduzido e adaptado para a população portuguesa foi realizada a análise das qualidades psicométricas da versão portuguesa do índice para avaliação da consistência interna. O estudo das características psicométricas foi realizado com recurso ao programa informático IBM SPSS (versão 22, 2013).

Recolha de Dados

A recolha de dados decorreu entre maio e outubro de 2014 e foi efetuada em contexto de sala de aula.

Os estudantes foram informados dos objetivos do estudo e das questões éticas associadas, sendo solicitada a participação voluntária. Aos estudantes que se disponibilizaram a participar foi-lhes distribuído o protocolo de recolha de dados onde se encontrava, para além dos dois instrumentos de medida, o consentimento informado e a ficha sociodemográfica. Após o preenchimento, que demorou aproximadamente 20 minutos, os protocolos foram

identificados com um código, sendo que a folha de rosto que continha a identificação do estudante foi retirada e guardada de forma a salvaguardar o carácter anónimo do seu preenchimento e a confidencialidade das respostas. O efeito de ordem na aplicação dos instrumentos foi controlado através da apresentação dos mesmos em sequências distintas.

Tratamento de Dados

Procedeu-se ao tratamento e análise de dados, realizado através do *software* IBM SPSS (versão 22, 2013).

Inicialmente, procedeu-se à recodificação dos itens invertidos de cada instrumento em diferentes variáveis. A variável estilo de vinculação foi recodificada na variável segurança/insegurança, classificando os indivíduos com estilos de vinculação segura como seguros e os indivíduos com estilos de vinculação preocupados, amedrontados e desligados como inseguros.

De forma a se obter informação relativa à caracterização da amostra recorreu-se à estatística descritiva (Martins, 2011). Para além da estatística descritiva, e no que diz respeito à primeira hipótese, foi realizada uma análise de variância (ANOVA) para comparar os quatro grupos (indivíduos classificados com estilo de vinculação seguro, preocupado, desligado e amedrontado) ao nível da exploração. Relativamente à segunda hipótese foi também realizada uma ANOVA para comparar os quatro grupos de indivíduos (seguros, preocupados, desligados e amedrontados) ao nível da exploração social. Em relação à terceira hipótese, foi utilizado o teste *t* para amostras independentes, para averiguar se as médias da exploração nos dois grupos (alunos que participam em atividades extracurriculares e alunos que não participam em atividades extracurriculares) diferem significativamente uma da outra. Na hipótese quatro foi também utilizado o teste *t* para amostra independentes para se averiguar se as médias da exploração nos dois grupos (alunos que pertencem a uma organização, clube, equipa ou outro grupo associativo e alunos que não pertencem a uma organização, clube, equipa ou outro grupo associativo) diferem significativamente uma da outra.

RESULTADOS

De seguida são apresentados os resultados descritivos da amostra (ao nível dos estilos de vinculação), os resultados da análise psicométrica do Índice de Exploração (consistência interna), resultados relativos aos testes de hipóteses, resultados da relação entre as medidas de avaliação da vinculação e exploração e, por fim, os resultados relativos às diferenças entre o

grupo de participantes classificados com estilo de vinculação seguro e os participantes classificados com estilo de vinculação inseguro (preocupados, desligados e amedrontados).

Estilos de Vinculação

Para se proceder à exploração da classificação dos participantes nos quatro protótipos de vinculação (Bartholomew, 1990) utilizou-se uma sintaxe construída para o efeito.

O procedimento permitiu classificar 94.3% dos participantes, sendo que 16 dos participantes (7.5%) ficaram por classificar por apresentarem valores intermédios, situando-se na fronteira entre vários estilos em simultâneo.

O Quadro 2 apresenta os resultados relativos à distribuição dos participantes por protótipos de vinculação.

Quadro 2.

Distribuição dos participantes por protótipos de vinculação (Bartholomew, 1990)

Estilos (Bartholomew, 1990)	N	%	% válida
Seguro	184	65.5	69.4
Preocupado	39	13.9	14.7
Desligado	21	7.5	7.9
Amedrontado	21	7.5	7.9
Total	265	94.3	100
Não classificáveis	16	5.7	
Total	281	100	

Como se pode verificar, o estilo de vinculação seguro foi encontrado em 65.5 % dos indivíduos. No respeitante aos estilos de vinculação inseguros, 13.9% dos participantes foram avaliados como preocupados, 7.5% dos participantes como desligados e 7.5% foram avaliados como amedrontados.

Análise Psicométrica do Índice de Exploração

Através do estudo de consistência interna do Índice de Exploração verifica-se que o *alpha de Cronbach* é de .76 (correlações inter-itens variam entre .17 e .53) (*vide* Quadro 4.). Para as diferentes dimensões (*vide* Quadro 3.) verificam-se os seguintes dados: (i) *alpha de Cronbach* de .59 para a dimensão Intelectual (correlações inter-itens variam entre .22 e .44; (ii) *alpha de Cronbach* de .52 para a dimensão Ambiental (correlações inter-itens variam entre .22 e .45) (iii) *alpha de Cronbach* de .62 para a dimensão Social (correlações inter-itens variam entre .29 e .46). Os valores de correlação item-total nas três dimensões, sempre superiores a

.20, são considerados adequados, de acordo com os critérios de Streiner e Norman (1989). A análise do valor de *alpha*, se excluídos os itens de cada dimensão e do *score* total do Índice de Exploração, revelou não serem significativos os ganhos de consistência interna, pelo que se optou por manter todos os itens.

Quadro 3.

Estatísticas de item-total das dimensões

Dimensões	Itens	N	Média de escala se item excluído	Variância de escala se item excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se item excluído
Intelectual	Item 1	280	24.80	28.67	.22	.59
	Item 7	280	24.87	26.93	.33	.55
	Item 9	280	25.06	23.85	.44	.49
	Item 12	280	25.35	26.14	.35	.54
	Item 13	280	25.21	26.51	.37	.53
	Item 16	280	25.29	27.88	.27	.57
Ambiental	Item 2	277	29.60	16.93	.22	.51
	Item 3	277	29.45	17.29	.25	.49
	Item 4	277	29.58	17.54	.24	.49
	Item 6	277	29.44	18.06	.29	.47
	Item 10	277	28.42	19.71	.35	.46
	Item 14	277	28.34	19.75	.45	.44
Social	Item 5	278	23.50	28.76	.29	.60
	Item 8	278	24.10	26.85	.32	.59
	Item 11	278	24.81	25.47	.32	.59
	Item 15	278	25.50	24.71	.38	.56
	Item 17	278	24.12	25.78	.46	.54
	Item 18	278	24.71	25.78	.37	.57

Quadro 4.

Estatísticas de item-total da escala

	Itens	N	Média de escala se item excluído	Variância de escala se item excluído	Correlação de item total corrigida	Alpha de Cronbach se item excluído
Índice de Exploração	Item 1	273	89.21	161.79	.19	.77
	Item 2	273	89.13	161.41	.17	.77
	Item 3	273	87.97	163.96	.30	.76
	Item 4	273	87.88	163.56	.40	.75
	Item 5	273	88.66	156.43	.41	.75
	Item 6	273	88.99	154.68	.35	.75
	Item 7	273	89.66	151.30	.46	.74
	Item 8	273	89.86	151.93	.43	.75
	Item 9	273	89.56	152.81	.43	.75
	Item 10	273	89.12	157.87	.29	.76
	Item 11	273	89.26	155.59	.40	.75
	Item 12	273	89.28	158.45	.27	.76
	Item 13	273	89.73	156.36	.31	.76
	Item 14	273	88.99	151.28	.53	.74
	Item 15	273	89.25	153.80	.40	.75
	Item 16	273	89.42	152.13	.38	.75
	Item 17	273	90.66	156.42	.29	.76
	Item 18	273	88.95	156.87	.27	.76

Testes de Hipóteses

De acordo com a primeira hipótese, previa-se que os participantes classificados com estilo de vinculação segura apresentassem valores significativamente mais elevados do que os participantes classificados como inseguros (preocupados, desligados e amedrontados) no Índice de Exploração. Para avaliarmos as diferenças relativas aos diferentes estilos de vinculação dos participantes ao nível da exploração (*score* total) foi realizada uma análise de variância (ANOVA).

O Quadro 5¹ apresenta os resultados relativos às diferenças entre os diferentes grupos.

Quadro 5.

Diferenças ao nível da Exploração em função do estilo de vinculação

	Estilo de Vinculação	N	Média	DP	F	df	Sig. (2-tailed)
Exploração (score total)	Seguro	178	95.61	12.60	4.21**	(3,253)	.006
	Preocupado	39	96.36	12.93			
	Desligado	19	92.05	14.26			
	Amedrontado	21	85.62	13.20			
Dimensão Intelectual	Seguro	183	30.25	5.74	2.18†	(3,260)	.09
	Preocupado	39	30.67	6.18			
	Desligado	21	30.71	5.36			
	Amedrontado	21	26.95	7.77			
Dimensão Ambiental	Seguro	181	35.18	4.79	1.96	(3,257)	.121
	Preocupado	39	35.36	4.68			
	Desligado	20	35.45	4.88			
	Amedrontado	21	32.57	5.73			
Dimensão Social	Seguro	182	30.10	5.49	6.81***	(3,258)	.000
	Preocupado	39	30.33	5.30			
	Desligado	20	25.45	7.72			
	Amedrontado	21	26.10	5.89			

* $p < .10$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

A análise de variância realizada permitiu concluir que os indivíduos classificados como seguros apresentavam resultados superiores no IE quando comparados com os indivíduos classificados com estilo de vinculação desligado e amedrontado. No entanto, o mesmo não se verifica em relação aos participantes classificados como preocupados, uma vez que estes apresentam resultados ligeiramente superiores aos dos seguros, ao nível do *score* total do IE.

¹ Nas hipóteses 1 e 2 comparam-se estilos de vinculação ao nível da exploração (*score* total) e também ao nível da dimensão Social do IE. Os resultados apresentados nos Quadros 5 e 6 incluem os valores para as dimensões Intelectual e Ambiental, uma vez que se considera pertinente a análise dos referidos dados, posteriormente, na discussão dos resultados.

Como podemos constatar pela observação do Quadro 6, o teste Post-Hoc de Gabriel revelou que os participantes classificados com estilo de vinculação seguro apenas se distinguem significativamente dos participantes classificados como amedrontados ($p = .001$). No entanto, verifica-se que os participantes classificados com estilo de vinculação preocupado também se distinguem significativamente dos participantes classificados como amedrontados ($p = .013$).

Quadro 6.

Teste Post-Hoc de Gabriel

	Estilo	Estilo	Diferença média	Sig.
Exploração (<i>score total</i>)	Seguro	Preocupado	-.75	1.000
		Desligado	3.56	.741
		Amedrontado	9.99***	.001
	Preocupado	Seguro	.75	1.000
		Desligado	4.31	.787
		Amedrontado	10.74*	.013
	Desligado	Seguro	-3.56	.741
		Preocupado	-4.31	.787
		Amedrontado	6.43	.527
	Amedrontado	Seguro	-9.99***	.001
		Preocupado	-10.74*	.013
		Desligado	-6.43	.527
Dimensão Intelectual	Seguro	Preocupado	-.42	.999
		Desligado	-.46	.999
		Amedrontado	3.30*	.046
	Preocupado	Seguro	.42	.999
		Desligado	-.05	1.000
		Amedrontado	3.71	.117
	Desligado	Seguro	.46	.999
		Preocupado	.05	1.000
		Amedrontado	3.76	.225
	Amedrontado	Seguro	-3.30*	.046
		Preocupado	-3.71	.117
		Desligado	-3.76	.225

	Estilo	Estilo	Diferença média	Sig.
Dimensão Ambiental	Seguro	Preocupado	-.18	1.000
		Desligado	-.27	1.000
		Amedrontado	2.61†	.058
	Preocupado	Seguro	.18	1.000
		Desligado	-.09	1.000
		Amedrontado	2.79†	.182
	Desligado	Seguro	.27	1.000
		Preocupado	.09	1.000
		Amedrontado	2.88	.305
	Amedrontado	Seguro	-2.61†	.058
		Preocupado	-2.79	.182
		Desligado	-2.88	.305
Seguro		Preocupado	-.23	1.000
		Desligado	4.65***	.001
		Amedrontado	4.00**	.005
Preocupado	Seguro	.23	1.000	
	Desligado	4.88*	.011	
	Amedrontado	4.24*	.035	
	Desligado	Seguro	-4.65***	.001
		Preocupado	-4.88*	.011
		Amedrontado	-.65	.999
Amedrontado	Seguro	-4.00**	.005	
	Preocupado	-4.24*	.035	
	Desligado	.65	.999	

† $p < .10$; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

De acordo com a hipótese 2, previa-se que os participantes classificados com estilo de vinculação desligado apresentassem valores significativamente inferiores aos restantes participantes (seguros, preocupados e amedrontados) ao nível da exploração social.

Para avaliarmos as diferenças relativas aos diferentes estilos de vinculação dos participantes ao nível da exploração social, foi realizada uma análise de variância (ANOVA).

Ao analisarmos o Quadro 5, verificamos que os valores relativos à dimensão exploração social são, de facto, inferiores nos indivíduos classificados como desligados. Como podemos constatar pela observação do Quadro 6, o teste Post-Hoc de Gabriel permitiu verificar que esta diferença é significativa na comparação deste grupo com os participantes seguros e preocupados ($p = .001$ e $p = .011$, respetivamente), não existindo diferenças significativas entre os

participantes classificados como desligados e participantes classificados como amedrontados. Podemos também constatar que os participantes classificados como amedrontados se distinguem significativamente dos participantes seguros e preocupados ($p = .005$ e $p = .035$, respetivamente) ao nível da exploração social.

De acordo com a terceira hipótese, esperava-se que os participantes que reportassem participar em atividades extracurriculares apresentassem valores superiores no Índice de Exploração (*score total*) quando comparados com os participantes que não participassem neste tipo de atividades.

Para compararmos os dois grupos de participantes ao nível da exploração (*score total*) foi realizado um teste t para amostras independentes.

O Quadro 7 apresenta os resultados relativos às diferenças entre os diferentes grupos.

Quadro 7.

Diferenças entre alunos que participam em atividades extracurriculares e alunos que não participam em atividades extracurriculares ao nível da Exploração (score total) e respetivas dimensões

	Atividades Extracurriculares	N	Média	DP	t	df	Sig. (2-tailed)
Exploração (<i>score total</i>)	Sim	160	95.68	13.29	-1.77†	270	.077
	Não	112	92.81	12.90			
Exploração Intelectual	Sim	164	30.58	5.82	-1.62	277	.107
	Não	115	29.41	6.12			
Exploração Ambiental	Sim	163	35.44	4.96	-1.90†	274	.059
	Não	113	34.31	4.75			
Exploração Social	Sim	163	29.59	5.79	-.80	275	.424
	Não	114	29.01	6.15			

† $p < .10$

Ao contrário do esperado, não se encontraram diferenças significativas entre estes dois grupos de participantes relativamente aos resultados no Índice de Exploração (*score total*) e respetivas dimensões (Intelectual, Ambiental e Social). No entanto, encontraram-se diferenças marginalmente significativas relativas à exploração (*score total*) e dimensão Ambiental ($p = .077$; $p = .059$, respetivamente).

Relativamente à quarta hipótese, esperava-se que os participantes que reportassem pertencer a uma organização, clube, equipa ou outro grupo associativo apresentassem valores

superiores no Índice de Exploração (*score* total) quando comparados com indivíduos que não fizessem parte de nenhuma organização, clube, equipa ou outro grupo associativo.

Para compararmos os dois grupos de participantes ao nível da exploração (*score* total) foi realizado um teste *t* para amostras independentes.

O Quadro 8 apresenta os resultados relativos às diferenças entre os diferentes grupos.

Quadro 8.

Diferenças entre alunos que pertencem a organizações, clubes, equipas ou outros grupos associativos e alunos que não pertencem a organizações, clubes, equipas ou outros grupos associativos ao nível da Exploração (score total) e respetivas dimensões

	Organização, clube, equipa, grupo associativo	N	Média	DP	<i>t</i>	<i>df</i>	Sig. (2-tailed)
Exploração (score total)	Sim	91	97.36	13.38	-2.56*	271	.011
	Não	102	93.08	12.28			
Exploração Intelectual	Sim	93	31.41	6.10	-2.59**	278	.010
	Não	187	29.47	5.80			
Exploração Ambiental	Sim	92	36.04	4.21	-2.61**	275	.010
	Não	185	34.43	5.12			
Exploração Social	Sim	92	29.20	5.21	-.60	276	.549
	Não	186	29.01	6.26			

* $p < .05$; ** $p < .01$

Conforme esperado, os resultados indicam que os participantes que pertencem a uma organização, clube, equipa ou outro grupo associativo apresentam valores significativamente mais elevados no *score* total do Índice de Exploração ($p = .011$), assim como nas dimensões Intelectual e Ambiental da exploração ($p = .010$). No entanto, não se verificaram diferenças entre os dois grupos de participantes ao nível da exploração social.

Correlação entre as medidas de avaliação da Vinculação e Exploração

O Quadro 9 apresenta os resultados relativos à correlação entre as dimensões da EVA e do Índice de Exploração (*score* total, dimensão Intelectual, Ambiental e Social) e evidencia a existência de correlações positivas significativas entre a dimensão *Conforto com a Proximidade* e exploração (*score* total) e também com as dimensões Intelectual, Ambiental e Social ($r = .318$, $p < .001$; $r = .151$, $p < .05$; $r = .183$, $p < .01$; $r = .404$, $p < .001$, respetivamente). No que concerne à dimensão *Confiança nos Outros*, verifica-se uma correlação positiva e marginalmente

significativa entre esta subescala e o *score* total do Índice de Exploração ($r = .112, p < .10$) e uma correlação positiva significativa com a dimensão Social ($r = .170, p < .01$). Os resultados indicam ainda que existem correlações negativas e marginalmente significativas entre a dimensão *Ansiedade* e o *score* total do Índice de Exploração e com as dimensões Intelectual e Social ($r = -.109, p < .10$; $r = -.106, p < .10$; $r = -.101, p < .10$, respetivamente). Pela análise dos resultados, verifica-se que se encontram correlações positivas significativas entre a dimensão conjunta *Conforto-Confiança* e o *score* total do Índice de Exploração e com as dimensões Intelectual, Ambiental e Social ($r = .252, p < .001$; $r = .121, p < .05$; $r = .136, p < .05$; $r = .337, p < .001$, respetivamente).

Procurou-se também conhecer a correlação entre as três dimensões do Índice de Exploração, tendo-se verificado que a dimensão Intelectual se encontra positivamente correlacionada com as dimensões Ambiental e Social ($r = .409, p < .001$; $r = .385, p < .001$, respetivamente) e que estas duas últimas também se encontram positivamente correlacionadas ($r = .467, p < .001$). Do mesmo modo, verifica-se que existe uma correlação positiva significativa entre o Índice de Exploração (*score* total) e as dimensões Intelectual, Ambiental e Social ($r = .782, p < .001$; $r = .771, p < .001$; $r = .796, p < .001$, respetivamente).

Quadro 9.

Matriz de correlação de Pearson entre dimensões do Índice de Exploração e dimensões da Escala da Vinculação do Adulto

		Exploração (score total)	Intelectual	Ambiental	Social	Proximidade	Confiança	Ansiedade	Conforto/ Confiança
Exploração (score total)	Correlação de Pearson	-	.782***	.771***	.796***	.318***	.112†	-.109†	.252***
	Sig. (2-tailed)	-	.000	.000	.000	.000	.064	.072	.000
	N	-	273	273	273	273	273	273	273
Intelectual	Correlação de Pearson	-	-	.409***	.385***	.151*	.054	-.106†	.121*
	Sig. (2-tailed)	-	-	.000	.000	.011	.371	.078	.044
	N	-	-	276	277	280	280	280	280
Ambiental	Correlação de Pearson	-	-	-	.467***	.183**	.050	-.027	.136*
	Sig. (2-tailed)	-	-	-	.000	.002	.411	.660	.024
	N	-	-	-	274	277	277	277	277
Social	Correlação de Pearson	-	-	-	-	.404***	.170**	-.101†	.337***
	Sig. (2-tailed)	-	-	-	-	.000	.005	.094	.000
	N	-	-	-	-	278	278	278	278
Proximidade	Correlação de Pearson	-	-	-	-	-	.404***	-.312***	.825***
	Sig. (2-tailed)	-	-	-	-	-	.000	.000	.000
	N	-	-	-	-	-	281	281	281
Confiança	Correlação de Pearson	-	-	-	-	-	-	-.440***	.850***
	Sig. (2-tailed)	-	-	-	-	-	-	.000	.000
	N	-	-	-	-	-	-	281	281
Ansiedade	Correlação de Pearson	-	-	-	-	-	-	-	-.452***
	Sig. (2-tailed)	-	-	-	-	-	-	-	.000
	N	-	-	-	-	-	-	-	281
Conforto/Confiança	Correlação de Pearson	-	-	-	-	-	-	-	-
	Sig. (2-tailed)	-	-	-	-	-	-	-	-
	N	-	-	-	-	-	-	-	-

† $p < .10$; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Diferenças entre grupos (Seguros e Inseguros) face à exploração e respetivas dimensões (Intelectual, Ambiental e Social)

Apesar de na hipótese 1 e 2 terem sido avaliadas as diferenças relativas aos diferentes estilos de vinculação dos participantes ao nível da exploração (*score* total) e da dimensão Social, considerou-se pertinente avaliar as diferenças entre participantes seguros e inseguros (preocupados, desligados e amedrontados) ao nível do *score* total da exploração e respetivas dimensões (*vide* Quadro 10).

Uma análise mais detalhada, com recurso a um teste de diferenças inter-sujeitos, revelou que os participantes com um estilo de vinculação seguro diferem significativamente dos participantes classificados com estilo de vinculação inseguro (preocupados, desligados e amedrontados), no sentido de revelarem uma maior propensão para a exploração social, $t(260) = -2.69$, $p = .008$. Foram também encontradas diferenças entre ambos os grupos (seguros e inseguros) no respeitante ao *score* total da exploração, apesar das diferenças serem marginalmente significativas, $t(255) = -1.77$, $p = .078$. Finalmente, as dimensões onde não se verificaram diferenças entre os dois grupos de participantes foram a dimensão Intelectual e Ambiental da exploração.

Quadro 10.

Diferenças entre participantes classificados com estilo de vinculação seguro e inseguro ao nível da Exploração (score total) e respetivas dimensões

	Estilo	N	Média	DP	<i>t</i>	<i>df</i>	Sig. (2-tailed)
Exploração (score total)	Seguros	178	95.61	12.60	-1.77†	255	.078
	Inseguros	79	92.47	14.31			
Exploração Intelectual	Seguros	183	30.25	5.74	-.67	262	.505
	Inseguros	81	29.72	6.57			
Exploração Ambiental	Seguros	181	35.18	4.79	-.81	259	.418
	Inseguros	80	34.65	5.11			
Exploração Social	Seguros	182	30.10	5.50	-2.69**	260	.008
	Inseguros	80	28.00	6.51			

† $p < .10$; ** $p < .01$

DISCUSSÃO

Nesta secção é realizada uma reflexão acerca dos resultados obtidos, dando especial enfoque às hipóteses de investigação definidas. Esta análise é realizada tendo em conta os pressupostos teóricos abordados na revisão da literatura.

O presente estudo empírico teve como objetivo examinar a relação entre vinculação e exploração num grupo de alunos do ensino superior.

Para se responder a este objetivo traduziu-se e adaptou-se o *Exploration Index* (Green & Campbell, 2000). Após o processo de tradução, procedeu-se ao estudo da fidelidade do instrumento, realizado através da determinação do coeficiente *alpha* de Cronbach. Embora os autores não reportem dados relativos aos valores de consistência interna das dimensões, sabe-se que o valor de *alpha* é de .81. No respeitante à versão portuguesa do instrumento, o IE evidencia um valor aceitável de consistência interna, sendo que o valor de *alpha* encontrado é de .76. Apesar do valor ser relativamente inferior a .80, este coeficiente é considerado extenso, segundo os critérios gerais para avaliação das qualidades psicométricas de medidas de avaliação (Robinson et al., 1991).

No que concerne aos coeficientes de consistência interna obtidos para as diferentes dimensões, verificamos que estes oscilam entre .52 e .62 (dimensão Ambiental e Social, respetivamente). Apesar dos valores de *alpha* não serem elevados, a análise das correlações item-total corrigido nas três dimensões oscila entre .22 e .46. Estes valores são considerados adequados, uma vez que satisfazem os critérios de Streiner e Norman (1989) por serem superiores a .20. No entanto, a análise das correlações item-total corrigido do IE oscila entre .17 e .53. Perante os resultados, verificou-se que os itens 1 e 2 não apresentam valores que satisfaçam os critérios supracitados, ou seja, superiores a .20. Não obstante, optou-se pela sua retenção, uma vez que estes contribuem para um coeficiente de consistência interna das dimensões mais elevado e uma vez que a sua exclusão não contribui para um ganho de consistência interna significativo.

Na generalidade, e perante a análise dos resultados, é possível concluir que os itens definidos *a priori*, para cada uma das dimensões do Índice de Exploração (Intelectual, Ambiental e Social), se correlacionam entre si e com a subescala, apoiando a homogeneidade em termos de construto teórico que se pretende medir.

No respeitante à distribuição dos participantes por estilos de vinculação (*vide* Quadro 2), os resultados do presente estudo são coerentes com os dados da investigação nacional, onde

a proporção dos participantes seguros é superior à dos inseguros (Canavarro et al., 2006; Fonseca et al., 2006). Em relação à distribuição dos participantes por protótipos de vinculação (Bartholomew, 1990), o estudo de Canavarro, Dias e Lima (2006) reporta dados semelhantes aos encontrados, sendo que a percentagem dos participantes seguros representa valores idênticos em ambos os estudos (64.3% e 65.5%, respetivamente).

No que concerne aos resultados das diferenças ao nível da exploração em função do estilo de vinculação (H1), os resultados da análise de variância demonstraram que os indivíduos classificados como seguros apresentavam resultados superiores no IE em comparação com os indivíduos classificados como desligados e amedrontados. Desta forma, podemos inferir que os participantes seguros apresentam uma maior propensão para a exploração do que os participantes inseguros. Estes resultados parecem ir de encontro aos resultados obtidos no estudo conduzido por Green e Campbell (2000), com estudantes do ensino superior, onde os autores relatam que indivíduos com um estilo de vinculação insegura expressam menos interesse em atividades de exploração, em particular na exploração ambiental e intelectual (*vide* Quadro 5).

Relativamente aos participantes classificados como preocupados, verificou-se que estes apresentam valores ligeiramente mais altos no *score* total do IE (assim como nas dimensões Intelectual, Ambiental e Social) quando comparados com participantes seguros, ainda que as diferenças não sejam estatisticamente significativas. Apesar dos resultados parecerem paradoxais à luz do quadro conceptual da teoria da vinculação (e na medida em que se espera que participantes classificados como seguros apresentem valores superiores ao nível da exploração quando comparados com participantes classificados como inseguros), vão de encontro ao previsto pela literatura e investigação, sendo consistentes com o estudo desenvolvido por Carnelley e Ruscher (2000), onde os indivíduos preocupados relataram maior envolvimento na exploração de atividades de lazer, por razões sociais, que incluem a procura de intimidade e aprovação social. Uma possível explicação subjacente à propensão para a exploração por parte de adultos classificados como preocupados é a de que o envolvimento em atividades de lazer permite e potencia a intimidade (Carnelley & Ruscher, 2000); em termos análogos, os resultados de Hazan e Shaver (1990), no qual o conceito de trabalho é manifestação do sistema de exploração, apontam na mesma direção, sugerindo que indivíduos preocupados utilizam o trabalho para fazer face às necessidades não satisfeitas, no que à vinculação diz respeito. À semelhança dos resultados prévios da investigação internacional, os nossos resultados parecem corroborar os resultados dos estudos mencionados e aparentam apontar no

sentido de que participantes classificados como preocupados podem, eventualmente, envolver-se em atividades de exploração por estas poderem ser, simultaneamente, categorizadas como exploração (seja de carácter intelectual, ambiental ou social) e procura de intimidade (Carnelley & Ruscher, 2000).

As diferenças ao nível da exploração social em função do estilo de vinculação (H2) revelaram que os valores relativos à dimensão Social são inferiores nos indivíduos classificados como desligados (*vide* Quadro 5). A relação entre vinculação e exploração social encontra-se bem documentada no estudo de Green e Campbell (2000) no respeitante a indivíduos classificados como desligados. Os resultados do estudo evidenciam uma correlação negativa significativa entre exploração social e evitamento, ou seja, os indivíduos classificados como desligados expressaram menor interesse na exploração social em comparação com indivíduos seguros e preocupados. Apesar dos resultados encontrados pelos autores apontarem no sentido de uma menor propensão para a exploração quando comparados com os restantes, a correlação foi apenas significativa no respeitante à exploração social. A justificação encontrada é a de que algumas formas de exploração, nomeadamente a exploração no domínio intelectual (e.g., leitura de um livro – item 12 do IE) poderá, em alguns casos, funcionar como um escape a outros tipos de exploração, tal como a exploração social.

Relativamente à dimensão Ambiental, verificou-se que o grupo de participantes classificados como desligados apresenta valores mais altos quando comparados com os outros participantes, apesar das diferenças não serem significativas (*vide* Quadro 5). Os resultados encontrados no presente estudo reforçam as evidências descritas na literatura, considerando-se premente analisar os resultados da investigação conduzida por Carnelley e Ruscher (2000). Segundo os autores, indivíduos classificados como desligados demonstraram preferência por atividades de lazer que proporcionem emoção e aventura, novidade e mudança. Também os nossos resultados refletem esta propensão pela procura de atividades de lazer (e.g., experimentar *bungee jumping*, salto em queda livre ou outras atividades radicais – item 2 do IE) que proporcionam emoção, aventura e procura de novos estímulos.

Tal como descrito anteriormente, Carnelley e Ruscher (2000) referem que, na idade adulta, a exploração pode manifestar-se para lá da atividade laboral (e.g., Hazan & Shaver, 1990), pelo envolvimento dos adultos em atividades de lazer, proporcionadoras de emoções e aventuras (e.g., viagens, prática de exercício/desportos radicais).

No presente estudo foram encontradas diferenças, marginalmente significativas, entre estudantes que relatam participar em atividades extracurriculares e estudantes que não participam nestas atividades ao nível da exploração (*score* total) e exploração ambiental (H3), ou seja, estudantes que participam em atividades extracurriculares apresentam maior propensão para a exploração (*score* total) e exploração ambiental (*vide* Quadro 7). Este resultado poder-se-á dever ao facto de que as atividades descritas nos itens da dimensão Ambiental do IE (e.g., experimentar *bungee jumping*, salto em queda livre ou outras atividades radicais, viajar para fora do país, explorar lugares desconhecidos, estudar no estrangeiro) vão de encontro a alguns dos exemplos de atividades extracurriculares nas quais os alunos referem participar (e.g., ginásio e prática de exercício, mergulho, polo aquático, remo, *kickboxing*).

O facto de não terem sido encontradas diferenças significativas ao nível da exploração intelectual e social nos dois grupos de participantes fez com que estes resultados nos tivessem levado a uma análise e reflexão detalhada, no sentido de se encontrar uma justificação para os dados obtidos. A diferença das médias entre estes dois grupos, em ambas as dimensões, não se revelou estatisticamente significativa, uma vez que ambos os grupos podem, de forma semelhante, realizar atividades orientadas para outras formas de exploração, nomeadamente, exploração intelectual (e.g., assistir a programas de televisão sobre ciência, história, arte ou cultura; explorar ideias ou teorias fora do comum; visitar museus) e social (e.g., conhecer pessoas novas, iniciar conversas com pessoas desconhecidas). Curiosamente, estes exemplos relativos à exploração intelectual e social não são indicados pelos estudantes como atividades extracurriculares.

No seguimento do exposto anteriormente, parece-nos ainda crucial sublinhar que também Hazan e Shaver (1990) incluíram vários itens que remetem para as atividades de lazer (e.g., exercício, passatempos, fazer compras, socializar), uma vez que reconheceram que o trabalho pode não ser uma operacionalização válida do conceito de exploração, ou seja, sempre que a atividade laboral seja sinónimo de rotina e previsibilidade, não fornecendo o tipo de desafio e estímulo tipicamente associado à exploração (e.g., procura de novos estímulos). Os resultados da investigação permitiram aos autores concluir que as respostas aos itens relativos às atividades de lazer não diferiam entre participantes com diferentes estilos de vinculação. A conclusão encontrada pelos autores relativamente aos dados da investigação remete para problemas relacionados com a medida de avaliação ao nível da sensibilidade dos resultados e da fidelidade da mesma, não tendo permitido identificar as diferenças nas preferências pelas atividades de lazer em função do estilo de vinculação.

A presente investigação encontrou diferenças significativas entre estudantes que relatam pertencer a uma organização, clube, equipa ou outro grupo associativo e estudantes que não participam em nenhum dos grupos mencionados ao nível da exploração (*score* total), exploração intelectual e ambiental (H4). No entanto, não se verificaram diferenças entre os dois grupos de participantes ao nível da exploração social (*vide* Quadro 8).

Uma possível explicação para estes resultados pode ser devida ao facto dos estudantes que relataram não fazer parte de nenhum grupo associativo poderem, no entanto, frequentar atividades de cariz predominantemente social (e.g., festas académicas, voluntariado). Refletindo acerca dos itens relativos à dimensão social do IE (e.g., gostar de ser apresentado a pessoas novas; integrar grupo composto por grande variedade de pessoas desconhecidas; iniciar conversa com estranhos num autocarro, avião; ir a uma festa onde não conhecesse a maioria dos convidados) podemos ser levados a concluir que não se torna condição necessária a pertença a uma organização, clube, equipa ou outro grupo associativo para que os indivíduos explorem ativamente do ponto de vista social. Nas questões de resposta aberta relativamente aos grupos de pertença verificamos que, apesar dos estudantes referirem não pertencer a nenhum grupo, praticam atividades extracurriculares que não exigem qualquer tipo de afiliação (e.g., voluntariado, prática de exercício), contribuindo para que os valores relativos à exploração social não se diferenciem, de forma significativa, do grupo de estudantes que pertence a qualquer grupo associativo. Apesar da reflexão poder oferecer uma possível explicação para os resultados encontrados, estes carecem de suporte teórico uma vez que parece existir uma lacuna na literatura relativa à exploração em jovens adultos, e em particular, a grupos de pertença.

No respeitante à correlação entre as dimensões do IE e dimensões da EVA, verificou-se que a dimensão *Conforto com a Proximidade* se correlaciona positivamente e de forma significativa com o *score* total do IE e dimensões Intelectual, Ambiental e Social. Este resultado não será de estranhar, uma vez que o conforto com a proximidade se traduz no grau de confiança que os sujeitos têm nos outros assim como na disponibilidade quando sentida como necessária (Canavarro et al., 2006), permitindo ao indivíduo utilizar a figura de vinculação como base segura para a exploração. Em relação à dimensão *Confiança nos Outros*, verificou-se uma correlação positiva e marginalmente significativa com o *score* total do IE e uma correlação positiva significativa com a dimensão Social, sendo que esta última terá maior impacto no grau em que o indivíduo se sente confortável com a proximidade e com a intimidade (Canavarro et al., 2006). No referente à *Ansiedade*, verificaram-se correlações negativas e marginalmente significativas com o IE (*score* total) e com as dimensões Intelectual e Social. Canavarro e

colaboradores (2006) definem esta dimensão como o grau de ansiedade sentida pelo indivíduo, relacionada com questões interpessoais de receio de abandono ou de não ser bem querido. Estes dados vão de encontro aos resultados da investigação de Green e Campbell (2000) no respeitante à correlação² entre as medidas de avaliação da vinculação e exploração. Por último, a dimensão conjunta *Conforto-Confiança* correlaciona-se positivamente e de forma significativa com o *score* total do IE e dimensões Intelectual, Ambiental e Social (*vide* Quadro 10).

Os resultados do presente estudo, através da correlação das duas medidas de avaliação, apontam para o postulado por Ainsworth e Bell (1970): o sistema de exploração funciona de forma complementar ao sistema de vinculação, ou seja, se a ativação do sistema de vinculação aumenta de intensidade, diminui a ativação do sistema exploratório, sendo que, deste modo, existe uma menor propensão do indivíduo para a exploração.

CONCLUSÃO

A teoria da vinculação estabelece a exploração como sendo componente básica do repertório comportamental do ser humano, fortemente influenciada pelos relacionamentos mais significativos para o indivíduo (Feeney & Van Vleet, 2010). Apesar da extrema relevância do tema, a investigação relativa à vinculação e exploração na idade adulta tem sido negligenciada, sendo que a literatura é ainda escassa no que concerne à relação entre ambos os sistemas. Nesse sentido, espera-se que o nosso estudo se possa assumir como um contributo para o aprofundamento do conhecimento acerca da temática em questão.

A presente investigação teve como objetivo analisar as diferenças entre estilos de vinculação ao nível da exploração, numa amostra de estudantes do ensino superior português.

Os resultados obtidos junto deste grupo de participantes revelam a existência de diferenças significativas entre os diferentes estilos de vinculação ao nível da exploração, tornando possível a identificação de diferenças individuais no comportamento exploratório (seja de cariz intelectual, ambiental e/ou social) dos jovens adultos.

De forma análoga aos resultados encontrados por Green e Campbell (2000), nos quais as dimensões da insegurança (ansiedade e evitamento) estão associadas a uma menor exploração, os dados resultantes da nossa investigação encontraram diferenças significativas

² Os resultados do nosso estudo são corroborados pelos resultados relativos à correlação entre as medidas de avaliação da vinculação e da exploração encontrados no estudo de Green e Campbell (2000), sendo que a escala *Anxiety Attachment Index* está negativamente correlacionada com a exploração e com as dimensões Ambiental, Intelectual e Social ($r = -.19, p < .05$; $r = -.19, p < .058$; $r = -.18, p < .077$; $r = -.08, p < .45$, respetivamente).

entre os participantes seguros e inseguros ao nível da exploração, sendo que participantes seguros relatam maior propensão para a exploração em comparação com participantes classificados como desligados e amedrontados. Uma noção teórica pertinente para a compreensão destes resultados é a de modelos internos dinâmicos, uma vez que as representações internas que os indivíduos contruíram podem elucidar-nos acerca da relação enunciada anteriormente. Assim, indivíduos com uma história de relações de vinculação segura, ao longo da qual foram sendo construídas representações positivas do *self* e dos outros concebidos como figuras em quem podem confiar, tendem a perceber os demais como responsivos, disponíveis e merecedores de confiança, fazendo com que eles próprios se sintam também mais capazes e disponíveis para explorar mais e com maior confiança (Fonseca et al., 2006).

No respeitante às diferenças entre participantes ao nível da exploração social, o estudo indicou diferenças significativas entre os participantes classificados como desligados e participantes seguros e preocupados, reforçando a ideia proposta por Green e Campbell (2000) de que indivíduos classificados como evitantes expressam menor interesse em atividades de exploração, particularmente na exploração social.

Relativamente às diferenças entre alunos que participam em atividades extracurriculares e alunos que não participam em atividades extracurriculares ao nível da exploração, destaca-se o facto de os dois grupos de participantes apenas se distinguirem ao nível da dimensão Ambiental e exploração (*score* total), apesar das diferenças serem marginalmente significativas. No entanto, por não existirem referências na literatura relativamente à participação em atividades extracurriculares e à sua relação com a exploração, podemos colocar uma hipótese explicativa, sendo que: 1) as atividades extracurriculares nas quais os estudantes estão envolvidos podem ser consideradas pelos mesmos como sendo de cariz predominantemente ambiental; 2) as diferenças entre os dois grupos podem dever-se a uma maior propensão para a exploração ambiental por parte dos alunos que participam nestas atividades. Convém referir que, na ausência de critérios de classificação para o tipo de atividades extracurriculares e na ausência de suporte teórico e empírico, não podemos assumir que esta é, de alguma forma, uma conclusão para as diferenças encontradas.

Em acréscimo, a presente investigação encontrou diferenças significativas entre estudantes que relatam pertencer a uma organização, clube, equipa ou outro grupo associativo e estudantes que não participam em nenhum dos grupos mencionados ao nível da exploração (*score* total), exploração intelectual e exploração ambiental. No entanto, convém ressaltar que,

à semelhança do exposto anteriormente, a discussão dos resultados é uma possível explicação, apesar de carecer de suporte teórico e empírico.

Finda a investigação, torna-se premente refletir acerca dos contributos e limitações deste trabalho. Primeiramente, convém salvaguardar que o presente trabalho aporta contributos para o domínio da vinculação e exploração em jovens adultos e para o aprofundamento de conhecimentos neste campo de ação. Assume-se também como um contributo do ponto de vista metodológico, uma vez que pretendeu colmatar a lacuna existente no que diz respeito a medidas de avaliação da exploração adaptadas para a população portuguesa.

Por outro lado, o nosso estudo comportou um conjunto de limitações que importa analisar. Uma destas limitações prende-se com a utilização de instrumentos de autorrelato que, segundo a literatura, obriga a uma relativização dos resultados, pois é frequente o efeito da desejabilidade social na resposta a este tipo de instrumentos. Esta tendência a responder, mesmo que de forma involuntária, com o socialmente desejado ou com o considerado como correto, poderá ser um aspeto a atender no respeitante à fidelidade dos resultados do Índice de Exploração. De forma a contornar este efeito, sugere-se que, em futuras investigações, seja avaliada a fidelidade do instrumento através do método *teste-reteste*.

A presente linha de investigação pode ainda beneficiar de outras metodologias de investigação. Estudos longitudinais podem esclarecer de forma mais clara a relação entre estilos de vinculação na infância e exploração na adolescência ou idade adulta. Da mesma forma, sugerem-se diferentes medidas de avaliação da vinculação e exploração que possibilitem oferecer um maior contributo para a compreensão entre a relação do sistema de vinculação e o sistema de exploração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716. doi: 10.1037/0003-066X.44.4.709
- Ainsworth, M., & Bell, S. (1970). Attachment, Exploration and Separation: Illustrate by the Behaviour of one-year-olds in a Strange Situation. *Child Development*, *41*, 49-67.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An Ethological Approach to Personality Development. *American Psychologist*, *46* (4), 333-341. doi: 10.1037/0003066X.46.4.333
- Almeida, L., & Freire, T. (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (4ª Edição). Braga: Psiquilíbrios.
- Aspelmeier, J.E. & Kerns, K.A. (2003). Love and school: Attachment/exploration dynamics in college. *Journal of Social and Personal Relationships*, *20* (1), 5-30. doi: 10.1177/02654075030201001
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: an attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, *7*, 147-178. doi: 10.1177/0265407590072001
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and Loss: Attachment* (1st and 2nd edition). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Separation*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Loss, sadness and depression*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.

- Canavarro, M.C., Dias, P., & Lima, V.S. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa. *Psicologia*, XX, 155-186. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a08.pdf> [consultado em: 09/03/2014]
- Carnelley, K. B., & Ruscher, J. B. (2000). Adult Attachment and Exploratory Behavior in Leisure. *Journal of Social Behavior and Personality*, Vol. 15, No. 2, 153-165.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58 (4), 644-663. doi: 10.1037/0022-3514.58.4.644
- Coy, A. E., Green, J. D., Davis, J. L. (2012). With or without you: The impact of partner presence and attachment on exploration. *Journal of Experimental Social Psychology*, 48, 411–415. doi: 10.1016/j.jesp.2011.08.008
- Cronbach, L. (1984). *Essentials of Psychological Testing* (4th edition). New York: Harper Row.
- Elliot, A., & Reis, H., (2003). Attachment and Exploration in Adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85 (2), 317–331. doi: 10.1037/00223514.85.2.31
- Feeney, B. C., & Van Vleet, M. (2010). Growing through attachment: The interplay of attachment and exploration in adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27 (2), 226-234. doi: 10.1177/0265407509360903
- Fonseca, M., Soares, I. & Martins, C. (2006). Estilos de Vinculação, Orientação para o Trabalho e Relações Profissionais. *Psicologia*, 20 (1), 187-201.

- Green, J., & Campbell, W. (2000). Attachment and exploration in adults: chronic and contextual accessibility. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 452-461. doi: 10.1177/0146167200266004
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524. doi: 10.1037/0022-3514.52.3.511
- Hazan, C., & Shaver, P. (1990). Love and Work: An attachment Theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 270-280. doi: 10.1037/0022-3514.59.2.270
- Hill, M., & Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com Recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Robinson, J. P., Shaver, P. R., & Wrightman, L. S. (1991). *Measures of Social Psychological Attitudes*. San Diego, CA: Academic Press.
- Soares, I. (2007). *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Streiner, D. L., & Norman, G. R. (1989). *Health Measurement Scales: A practical guide to their development and use*. Oxford: Oxford University Press.
- Veiga-Correia, D. S. (2012). *Vinculação e PCA: Relação entre sistema de vinculação e sistema de exploração na Adult Attachment Interview* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal.